

Fundado em 1908

O TRIPEIRO



7ª Série, Ano XXX, Número 7

Julho 2011

Publicação mensal

Preço de capa 3,00 Euros

**GRANDE ENTREVISTA COM
EDUARDO SOUTO DE MOURA
PRÉMIO PRITZKER 2011**



*“Não quis ser daqueles que vão para a capital.
Gosto de regressar ao Porto.”*

lidade, moderno e vernacular. Da Casa de Chã na Boa Nova, Matosinhos de Siza Vieira, à Casa da Ruína, Vale de Cerdeira – Douro de Eduardo Souto de Moura, que estamos na presença de dois projectos onde a relação entre projecto e memória do lugar se estruturam em função de cumplicidades conceptuais em torno de formas, modelos, imagens que se cruzam numa espécie de contextualismo crítico onde a metáfora se materializa numa fonte inspiradora de luz e forma. Estamos na presença de espaços íntimos, silenciosos, vazios, com átrios, percursos, galerias, evocações, volumes, ausências de limites e de fronteiras. Os cenários, os trajectos são evocações de uma identidade cultural.

Eduardo Souto de Moura remete-nos para uma arquitectura de fortes analogias com o movimento moderno, sem nunca perder aquele sentido poético da transgressão e da criação enquanto arte dos limites e das fronteiras. Uma espécie de mundo aberto, liberto de barreiras construti-

vas, que possibilite “viver em un mundo fisicamente unificable” (Sennett, 1991:135). Assiste-se à conceptualização do espaço arquitectónico como cenário, como contextualidade narrativa de linguagens minimalistas, expressas na simplicidade das lâminas de vidro, nos elementos estruturantes de forte carga simbólica, onde função e estrutura se associam num equilíbrio de relações onde o espaço moderno se realiza numa lógica de abertura e de amplitude à regularidade e geometrização das formas poéticas. Expressas na Igreja de Santa Maria, concelho de Marco de Canavezes, e no Estádio Municipal de Braga. Aqui, Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura associam funcionalidade, poética arquitectónica, materiais de construção, através dos quais a linguagem arquitectónica se plasma numa espécie de catedrais do sublime. ■

* Professor no Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura / ESAP

Uma grande lição



Se Fernando Távora (1923/2005) foi o exemplo de que o passado nos oferece solução para o futuro, e se Siza soube construir e ensinar que o presente indicia contradição e “tempos fugidios”, é na obra de Eduardo Souto de Moura que o ideal de futuro se materializa, num processo seguro e revelador de uma maturidade intelectual e técnica, conceptual e metodológica que a recente atribuição do prémio Pritzker reveste como uma das mais irrefutáveis provas do sucesso desta estratégia. E deste seu penoso percurso de trabalho de demonstração “obra a obra” – ou “tijolo a tijolo” – na pequenez do seu território feito grande. **Nuno Lacerda Lopes***

Eduardo Souto de Moura é um arquitecto distinto. É uma pessoa diferente, e por isso difícil de catalogar...possuidor de um discurso claro e objectivo onde a pertinência das suas razões para justificar os seus projectos ou as suas obras parecem esconder um raciocínio frio e um certo pragmatismo que a muitos incomoda e ao qual não estamos habituados.

De um certo modo sempre fomos “habituados” a entender o discurso actual e intelectual como uma narrativa de aproximação e de contornos mais próximos de uma espiral do que de uma recta ou de um vector. Mais do que esclarecer, ou resolver uma questão, satisfaz-nos bastante a construção da dúvida, o saborear da incerteza, a amálgama das referências, o estar de bem com Deus e com o Diabo. Talvez por isso o nosso discurso intelectual e crítico seja em geral rombo ou, se quisermos, de expressão redonda e aveludada, exactamente como alguns vinhos...que em alguns momentos se saboreiam.

“Todo” o século XX da Arquitectura Portuguesa se desenvolveu em torno da questão da portugalidade, da identidade, da nacionalidade e da modernidade portuguesa. Se avaliarmos a primeira década deste século, em termos de produção técnica e do pensamento crítico da nossa arquitectura, constatamos que ainda nos perdemos nesse discurso pouco “inovador” e pouco construtivo acerca da nossa condição e dos nossos proble-

mas de identidade, das nossas contradições e deste olhar narcísico que impede de avançar e de sair desta teia e deste antigo “modo” de ser.

Deixar de procurar essa inerte “identidade” terá sido um dos trabalhos mais importantes que Eduardo Souto de Moura realizou, a bem da sua arquitectura, a bem da nossa arquitectura e, sobretudo, a bem da nossa própria identidade. Será porventura cedo para lhe agradecer este atrevimento, mas já começa a ser tarde para, de um modo definitivo e pouco “académico”, não aceitar estes novos modos de habitar e de construir a nossa arquitectura...que procura crescer liberta do imediatismo processual, sem o peso da tradição, sem o desassossego paralisante, sem prestar vassalagem a outras arquitecturas e, sobretudo, abrindo a consciência do seu direito a existir com propriedade, sem um pendor regionalista, mas como expressão de uma vitalidade diferenciadora. Com a consciência que neste processo de revisão nada se perde, que o compromisso do progresso é energia revigorante de um modo de ser “diferente” e de um modo de fazer uma “nova” Arquitectura Portuguesa que Eduardo Souto Moura tão bem protagoniza e nos faz chegar ao mundo, de um modo directo em jeito de igualdade, assumindo uma posição marcante no palco da Arquitectura mundial. Não apenas com os olhos postos na nossa Arquitectura.

De tudo isto nos fala a obra de Eduardo Souto de Moura, do local e do

global, do passado e do futuro, da boa e da má consciência que nos habita e das diferentes narrativas que o discurso da arquitectura contemporânea nos revela, sem qualquer hesitação, sem dúvida aparente, sem necessidade de muitas palavras, mais orientado para a acção do que para o “palavrear” português que Rafael Moneo (1937) no livro “Inquietude Teórica Y estratégia projectual” (2004) distingue a propósito da genialidade de Pessoa – e que Siza poeticamente celebra nas suas obras cada vez mais universais e por isso também mais portuguesas.

Se Fernando Távora (1923/2005) foi o exemplo de que o passado nos oferece solução para o futuro, e se Siza soube construir e ensinar que o presente indicia contradição e “tempos fugidios” – que a sua arquitectura capta e celebra nesse ideal de continuidade com o passado que actualiza constantemente e surpreendentemente – é na obra de Eduardo Souto de Moura que o ideal de futuro se materializa, num processo seguro e revelador de uma maturidade intelectual e técnica, conceptual e metodológica que a recente atribuição do prémio Pritzker reveste como uma das mais irrefutáveis provas do sucesso desta estratégia. E deste seu penoso percurso de trabalho de demonstração “obra a obra” – ou “tijolo a tijolo” – na pequenez do seu território feito grande.

Por isso, mais do que a excelência da sua arquitectura, da “limpeza” das suas obras, mais do que a sua grande capacidade intelectual, profissional e técnica que o distancia de tantos outros, que se encontram como ele na primeira linha da arquitectura mundial, gostaria de sublinhar este facto pouco referido, que é relevante para a arquitectura portuguesa, para o Porto, para a nossa escola, para a nossa cada vez mais global Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Ou, numa palavra, para o nosso futuro; que se constrói sobre fortes pilares de conhecimento, criatividade e inovação que, entre outros, Eduardo Souto de Moura edificou.

Nunca procurou fazer à Siza

Não estamos habituados a roturas, somos mais bandos que lobos solitários. Quando actuamos, gostamos de nos inserir no grupo e dividir responsabilidades e, quantas vezes, os erros. A nossa relação com o sucesso é dúbia e pouco transparente – amamos em nós e odiamos noutros; da vida pardacenta temos queixume, mas pouco apoiamos quem dela se liberta. São esses os nossos pares, os que nos levam os dias que consumimos... e que nos apoiam quando inseridos na matilha que nos protege, mas também quantas vezes nos castra. Quantas vezes, aquele que parte na procura da sua identidade, da sua vida, na procura de solucionar os seus erros, nas descobertas, é visto tão apenas como obcecado, egoísta, qual novo-rico que se distancia do sempre necessário apoio ou contributo à causa comum que estabiliza e dá segurança ao “grupo” que não sai do sítio.

Desde cedo que Eduardo Souto de Moura construiu uma outra estratégia, sem desrespeitar a sua origem, a sua cultura, a sua escola... mas com vontade de experimentar outras práticas, outros processos, outros métodos e, sobretudo, outros espaços... mais livres, mais luminosos, mais simples... mais internacionais, dizia-se. Por isso mais próximos de uma linguagem onde o plano se sobrepõe ao volume, onde a caixa dá lugar à superfície, onde a janela dá lugar ao pano de vidro, onde a realidade dá lugar à fantasia, e onde a subjectividade dá lugar à objectividade e à razão de ser, pura e dura.

Não se pode dizer que as obras de Eduardo Souto de Moura são de rotura com um modo de fazer. Na verdade exprimem o seu presente, os processos e modos de fazer e construir, recuperam tradições, actualizam gostos e heranças integrando a trama da cultura nacional e internacional numa paisagem – ou numa forma que se altera e que nos revela como uma identidade natural... como sempre tivesse sido assim... quase um gesto anónimo ou um convite a uma arquitectura sem autor. Disto são exemplos as primeiras casas de Nevogilde 1 (1981/85), Nevogilde 2

(1982/85) e a célebre casa das Artes (1981/91) da Secretaria de Estado da Cultura, no Porto.

Por isso diz-nos que nunca procurou fazer à Siza. O seu respeito pelo Mestre impediu uma abusiva “imitação”, mesmo uma “citação” (que a contemporaneidade hoje promove), retomando um processo de revisita a outros Mestres mais distantes, mas mais contraditórios e, por isso, mais presentes neste solitário processo de reavaliação de uma arquitectura moderna internacionalista que o Estado Novo não permitiu desenvolver ou experimentar de um modo radical – e cuja continuidade e actualização parecia ser a tarefa primordial para uma nova geração que o 25 de Abril lançara.

Teria sido Eduardo Souto de Moura quem melhor realizou essa interpretação e pesquisa crítica sobre os valores do moderno e das suas contradições, actualizando processos, redesenhando soluções, recuperando estratégias, dando continuidade, estabelecendo pontes sem facilitar qualquer visão revivalista ou sem o acritico pensar “pós-moderno” que revestiu muita de uma equivocada arquitectura que os anos 80 produziram e que esta geração da Escola do Porto (ainda ESBAP) soube vigorosamente repudiar e recusar.

Segundo Danielle Vitale num artigo recente sobre a Arquitectura portuguesa, o trabalho de continuidade e a capacidade de resistência aos “gostos” do tempo da Escola do Porto, interpretando de um modo plural as controvérsias e contradições que o movimento moderno nos deixou na profusão de linguagens, estilos e autores – Le Corbusier (1887/1965), Mies Van der Rohe (1886/1969), Frank Lloyd Wright (1857/1969), Adolf Loos (1870/1933), Walter Gropius (1883/1969), Louis Khan (1901/1974), R. Neutra (1892/1970) e até Alvar Aalto (1889/1976) ou Niemeyer (1907) – são disso verdadeiros exemplos. Esta é a característica distintiva da recente arquitectura portuguesa e, por isso, um dos motivos do fascínio e do interesse que internacionalmente desperta.

Este sentido de actualização, de revisita e de continuidade com a arquitectura modernista do século XX, que a obra de Eduardo Souto de Moura revela, mais não é do que a consagração do seu contributo teórico para esta necessária “revisão crítica” e para a democratização do valor cultural que esta escola – alicerçada nos valores da identidade, do respeito pelo lugar e pela construção criativa, dados os recursos parcos e limitados – nos faz agora integrar nalgumas das mais notáveis páginas da história da arquitectura mundial do século XXI.

Muitos arquitectos terão contribuído para esta situação, e seria fastidioso enumerar ou ir à procura das suas dádivas. Uns através de reflexões, de críticas, das suas incertezas. Outros através de lutas pelo vingar das suas ideias, sem conformismo e sem concessões. Outros ainda pela descoberta de caminhos e procura dos valores do passado e da ligação da arquitectura ao mundo e às culturas – e, como tal, sendo expressão de uma cultura específica, onde cabem muitos estilos e expressões diferenciadas, por isso ricas, resultado da inteligência e do conhecimento que Távora ensinou e que Siza tem sabiamente construído e divulgado num processo singular de oferta de experiências arquitectónicas diversificadas, quantas vezes inesperadas, onde o “estilo” não é matéria para esta nova arquitectura, que se assume cada vez mais como um espaço de relação, de “infundável relação” (Siza, 2004).

Esta será talvez a grande lição que Eduardo Souto de Moura nos oferece... nas suas obras e nos seus discursos, onde o pensamento é sempre dirigido à acção. E o seu projecto à resolução de um problema, com vista a uma materialização, a uma construção. ■

* Arquitecto, Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, investigador e coordenador do Centro de Inovação em Arquitectura e Modos de Habitar (CIAMH/FCT) no Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura (CEFA/UP)